

# LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM GRANDE ENCONTRO

Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher

Professora Adjunta do Departamento de Estudos Especializados  
Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** Neste texto, pretendo discutir como pensar a Literatura na Educação Infantil, como compreendê-la e organizar as escolas, e as ações pedagógicas, para inseri-la de modo prazeroso e eficaz no cotidiano das crianças.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Educação Infantil. Ações Pedagógicas.

Enobrecer os sentimentos do homem, enriquecer-lhe a vida, proporcionar-lhe alegria e sentido, é a missão da arte.  
(MOKITI OKADA)

A Literatura Infantil é arte que usa a palavra como linguagem expressiva e como tal deve ser trabalhada. Mais do que um modo de cognição, a Literatura é um alimento para alma.

*Como então pensar essa forma de arte para as crianças pequenas? Como pensar a ação pedagógica junto às turmas de berçário, maternal e nível A e B?*

Primeiro, precisamos levar a sério a tarefa de trabalhar com a Literatura Infantil, entender que sua presença no cotidiano deve visar à formação de leitores literários (conforme aponta Teresa Colomer) e, portanto, mais do que uma tarefa dos professores ela é uma tarefa institucional que deve envolver professores, auxiliares, equipe diretiva, pais e crianças, tomados como parceiros dessa caminhada. Há, portanto, compromissos a serem assumidos por todas as partes.

As escolas precisam assumir a formação do leitor literário como um compromisso institucional. Portanto, prever como deverá ser a organização do espaço e do tempo dentro da instituição, para alcançar esse objetivo. Isso inclui organização de bibliotecas, equipagem das salas de aula (com tapetes, almofadas, estantes adequadas etc.). Implica pensar o que cada instituição já dispõe e o que falta conseguir para ter os espaços adequados. Não signifi-

ca parar e esperar ter tudo para começar, mas traçar o percurso que será trilhado para chegar lá (previsão de recursos, busca de parcerias, inclusão em programas públicos de fornecimento de acervo – como o PNBE, por exemplo).

Devem, ainda, assumir o compromisso de aquisição de acervo e de implementação de uma política de formação em serviço dos educadores para a promoção da formação do leitor literário. Significa promover leituras e discussões com os educadores, permitir que eles se capacitem em cursos para contadores de histórias, jogos dramáticos, teatro, entre outros.

É necessário, ainda, assumir o compromisso de formular, com a comunidade escolar – educadores, pais e alunos –, um projeto de formação de leitores a médio e longo prazo. Portanto, sair do imediatismo das datas comemorativas (quando, no geral, são pensados jograis, declamações etc.) para pensar em como garantir que as crianças, ao longo dos anos que passarão na escola de EI, possam, por exemplo, ter contato com gêneros literários diversificados (e não trabalhem apenas narrativas, mas poesias, parlendas, peças teatrais, entre outras).

Também os educadores precisam assumir compromissos. O primeiro e mais relevante talvez seja o de tomarem a decisão político-pedagógica de implementarem a formação do leitor literário. Portanto, é preciso parar de usar as questões estruturais (falta de bibliotecas, de acervo, de condições materiais adequadas etc.) como desculpa para não começar a fazer esse trabalho. Para tanto, os educadores (portanto, professores e auxiliares) devem planejar, implementar e avaliar – constantemente – uma ação pedagógica voltada para a formação do leitor literário. Ou seja, devem promover contações de história, com recursos diversificados, mas não necessariamente “caros”. Para tanto, podem promover sessões de leitura em voz alta, debates com as crianças, discussões sobre as histórias, procurando ouvi-las, sobretudo, o que elas dizem sobre as histórias que escutam, como as interpretam, sem procurar direcionar os comentários e posições. Antes de indagar as crianças sobre “o que o autor quis dizer”, deve-se buscar ouvir o que as elas querem/precisam dizer.

Também é preciso que os educadores participem ativamente do seu processo de formação como “formadores de leitores”. Portanto, faz-se necessário que eles busquem se atrever como contadores: larguem o medo e se aventurem a fazer com as crianças práticas de leitura diferenciadas, ricas, desafiadoras e instigantes. Para isso, os educadores devem promover a inserção dos alunos em ambiências de formação de leitores (feiras, bibliotecas públicas, livrarias etc.), levando-os a perceber que a Literatura está em suas vidas, nos mais variados espaços, para ser usufruída, cumprindo de algum modo a epígrafe deste texto.

Por fim, as famílias devem se sentir integrantes desse processo, assumindo o compromisso de estabelecerem parceria com a instituição no projeto de formação do leitor literário, envolvendo-se nas atividades propostas pela instituição (rifas, passeios, contações, visitas

etc.). Penso que também as famílias devem cobrar da instituição e dos educadores o desenvolvimento do projeto de formação (para tanto, o projeto deve ser explicitado e de conhecimento de todos). Isso implica em conversar com os educadores para saber o que ocorre na escola: quais preferências seus filhos manifestam, quais histórias apreciam, como gostam de ouvi-las, para que, em casa, também possam implementar práticas de leitura significativas para as crianças. As famílias precisam, ainda, promover a inserção dos filhos/as em ambiências de formação de leitores (feiras, bibliotecas públicas, livrarias etc.): precisam colocar a leitura no seu cotidiano, mostrando que a descoberta das histórias pode ser uma atividade de prazer e alegria compartilhada por todos na casa.

## AFINANDO O FOCO: A SALA DE AULA E A AÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

*Como é possível desenvolver uma ação pedagógica que contemple os aspectos salientados acima?*

Bem, penso que esta questão pode ser respondida de inúmeros modos. O que procurei fazer aqui é dar pistas, sugestões que podem ser aproveitadas pelos educadores e transformadas, sempre levando em consideração: os contextos nos quais as crianças estão inseridas, suas histórias de leitores, as práticas já vivenciadas nas famílias e em anos anteriores nas escolas. Assim, penso que as ideias que lancei só fazem sentido se pensadas em um contexto maior de inter-relação entre a literatura infantil e os demais saberes trabalhados na escola. Ou seja, a Literatura Infantil só pode ser pensada dentro de uma determinada Cultura Infantil que lhe serve como base. Por conseguinte, a Literatura Infantil no Brasil está imersa em um contexto, uma cultura que tem determinados entendimentos do que é a infância, quais interesses ela tem, como a criança deve ser educada e, ainda, como a Literatura “entra” nessa formação. Assim, não existe Cultura Infantil fora de uma determinada cultura, mais ampla, que a engloba. Desse modo, a Cultura Infantil e a Literatura Infantil, que nela se insere, refletem a concepção de infância de um dado período, englobando as Artes, a Mídia, o consumo, as pedagogias etc.

Portanto, qualquer ação pedagógica que envolva a Literatura infantil está lidando com a Cultura Infantil: o que a criança vê e como ela interpreta só faz sentido dentro de um determinado repertório de significações possíveis, constituídas dentro de uma determinada cultura (familiar, escolar, religiosa, nacional, etária etc.). Logo, ao propormos atividades de contação de histórias para as crianças, necessariamente, estaremos lidando com as possibilidades concretas de interpretação e criação que cada criança desenvolve, a partir da cultura em que está inserida.

Não se trata de um “determinismo” cultural ou de afirmar que as crianças estão circunscritas àquilo que já conhecem sobre a literatura, mas de apontar que a cultura na qual estão inseridas (e a cultura literária em especial) cumpre uma influência importante. Cabe à escola trabalhar a Literatura Infantil de modo a levá-la para as crianças como mais uma possibilidade, ampliando os seus repertórios, mostrando novidades, gêneros literários talvez desconhecidos, não para apresentá-los como a “boa” literatura, mas como “mais uma forma de” literatura.

Dito isso, podemos pensar nas diferentes etapas da educação Infantil.

## LITERATURA INFANTIL PARA O BERÇÁRIO: ISSO EXISTE?

A partir do berçário, podemos pensar em um trabalho de formação de leitores que se ocupe de promover a sensibilização para o objeto. Ou seja, um trabalho o qual compreenda que para um bebê o livro e tudo aquilo que o cerca fazem parte de uma ampla gama de possibilidades de cognição e existem para ser explorados. Recordando que, nesse período, a criança se desenvolve a partir das interações que pode estabelecer com o meio e que estas interações passam pelo uso de seus sentidos e do movimento (Jean Piaget denomina essa etapa de período sensório-motor) como estruturas de pensamento. Também o livro precisa estar adequado a essas exigências. Portanto, precisamos aceitar que o livro será alvo de manipulação intensa, será cheirado, mordido, amassado, esfregado, arrastado etc. A escolha de livros que tenham adequação à faixa etária é fundamental. Assim, o livro deve ser feito de material higienizável e resistente, preferencialmente, de pano ou borracha que possam ser lavados periodicamente e ofertados sem risco às crianças.

Não devemos nos preocupar em estabelecer uma rotina rígida de interação entre as crianças do berçário e o livro, antes o contato deve ser constante, mas espontâneo – em um primeiro momento. Os livros devem ser colocados ao alcance dos bebês para que estes possam manipulá-los. Todavia, esse contato espontâneo cessa, pois uma vez explorado, assimilado e acomodado (para usar conceitos bem específicos), o livro “perde a graça”. Cabe aqui a intervenção do educador no sentido de recriar o encontro entre a criança bem pequena e o livro, para que os bebês cercados de estímulos desafiadores voltem a sentir prazer com esse encontro e “redescoberta”.

Assim, esconder livros em locais inusitados (dentro de caixas, abaixo dos móveis da sala, dentro de brinquedos, no pátio, refeitório etc.) torna o percurso das crianças (em geral engatinhando ou dando os primeiros passos) muito mais rico.

Passada essa fase de descoberta/redescoberta, podemos pensar, ainda, no berçário, em agregar o trabalho com o livro e as histórias à descoberta das demais linguagens expressivas. Por estarem em um período de intensa interação, os bebês apreciam que os livros ofereçam interações com as demais linguagens (plástica, musical etc.). Portanto, ofertar livros que contenham guizos, velcros, fechos, plástico bolha (para ser apertado, claro), aromas, texturas, formas, padronagens, cores etc., deve ser priorizado. No geral, essas obras mais interativas costumam ser caras. *O que fazer então?* Ora, promover intervenções nas obras já disponíveis, acrescentando esses elementos. Assim, acrescentar através de colagem (nas obras de papelão) ou de costuras (nas obras de pano) esses elementos pode significar dar vida nova aos livros “já manjados”. Vale destacar que, antes de mais nada, é preciso atentar para a segurança dos pequenos e realizar intervenções seguras (portanto nada de colas tóxicas para fixar tecidos ou papéis) que possam ser manipuladas posteriormente em abundância sem se soltarem.

Aqui aparecem as primeiras contações: narrativas animadas com pequenos personagens do cotidiano (como brinquedos da sala, pessoas conhecidas da criança etc.). Frases curtas que envolvam ações simples que explorem a sonoridade das palavras (outro foco de atenção nesse momento). Narrativas como “A bola, vai rolar, vai rolaaaaaaaarrrrrr e ...puuuuuuuuuuuuummmmm!!!! na barriga do nenê” (dramatizando a chegada da bola até a criança) oferecem oportunidade de concentrar-se em sequências de fatos (ainda simples) e vão preparando o terreno para as audições de histórias que começarão logo em seguida.

Por volta de um ano e meio, aproximadamente, as crianças já passam a ter grande interesse em acompanhar narrativas em livros com imagens (de preferência grandes e bem coloridos), com sequências de ações simples: histórias que se passam no mesmo lugar (espaço) e que duram pouco. Estas não envolvem noções de tempo mais complexas, tais como: dia, semana, estação, meses, anos etc., ainda não construídas pelas crianças.

## MATERNAL: A ENTRADA DE UM NOVO UNIVERSO – O PAPEL

A partir do maternal os livros de papel passam a ganhar destaque: papelão compactado (daqueles bem duros e resistentes) passam a ser os parceiros mais adequados para as crianças. Nessa fase, as palavras ganham sentido: o encantamento das pequenas narrativas, criadas pelas crianças ou educadoras, ou mesmo a transposição das histórias da narrativa oral também crescem em sentido.

Aqui entramos no reinado dos contos de fadas: histórias ancestrais, passadas de geração a geração, carregadas de simbologias e mitos. Figuras importantes tão amadas e tão temidas, como o lobo e a bruxa, ganham destaque.

Cabe salientar que os contos devem ser levados às crianças desde muito cedo, lidos pausadamente, com entonação adequada, criando silêncios, expectativas. Devemos trabalhar as versões mais contemporâneas, nas quais lobos viram “bonzinhos” e porcos são vilões ou bruxas são amigas. Mas, sobretudo, devemos resgatar as compilações mais clássicas, dos irmãos Grimm ou de Hans Christian Andersen, com seus finais exemplares e castigos “cruéis”. *Por quê?* Ora, voltando à epígrafe deste texto precisamos perceber que nosso trabalho alimenta a alma: a Literatura Infantil é uma valiosa ferramenta para pensar a existência, compreender os sentimentos, às vezes não tão nobres, que integram o “humano”. *Em tempos onde as crianças pequenas partilham o hábito cultural de suas famílias com intensidade e, portanto, assistem aos telejornais “derramando” sangue em sucessivas chacinas, como auxiliá-las a compreender a complexidade da vida (a maldade, a crueldade, a violência)? Como auxiliar a entender que uma criança pode ser morta com requintes de crueldade, esquartejada pelas ruas de uma cidade (como foi o pequeno João Hélio morto nas ruas do Rio de Janeiro em janeiro de 2007)?*

Pensar que bem e mal são separados claramente (como os contos de fada fazem crer) e o mal será exemplarmente punido traz tranquilidade: torna possível lidar com a realidade.

No maternal, também, as imagens passam a interessar em sua dimensão narrativa. Assim, as narrativas visuais presentes nos livros ou produzidas com as crianças mostram que é possível ler e escrever com as imagens. Por isso é interessante explorar as biografias visuais, convidar as crianças para trazerem imagens daquilo que gostam, temem, desejam (brinquedos, lugares, pessoas etc.). Depois é só convidá-las a criar sequências com as imagens para “contar”, através de pequenos álbuns, suas histórias. Essas biografias podem ser feitas sobre a origem das famílias, sobre a vida escolar, sobre os personagens – heróis – favoritos, entre tantos outros.

## JARDIM (PRÉ-ESCOLA, NÍVEL A): ABREM-SE AS PORTAS DE UM VASTO MUNDO

Com a chegada ao nível A, as crianças passam a intensificar seus eventos de letramento e, portanto, a se interessar cada vez mais pela escrita, as palavras e o que elas contêm. Assim, o texto escrito, que é o modo privilegiado de expressão literária, passa a ser a grande estrela. Logo podemos explorar mais as narrativas; promover contações de história para as crianças, com as crianças, das crianças. Usar recursos diversificados e técnicas empolgantes, também pode ser precioso.

É preciso lembrar que devemos organizar a contação. Para tanto, precisamos ler atentamente o texto antes de contá-lo para as crianças. Não esqueça que você deve conhecê-lo

profundamente, a ponto de prescindir do livro para contar a história. Isso dá ao educador a mobilidade de adaptar as narrativas de acordo com as características e interesses do grupo: lembre-se: CONTAÇÃO NÃO É LEITURA EM VOZ ALTA. Portanto, cabe ao educador ser capaz de suprimir passagens excessivamente longas, palavras desconhecidas, digressões temporais (grandes passagens de recordações de personagens que tirem a dinamicidade das narrativas ou descrições por demais detalhadas). Enfim, o educador deve ser capaz de tomar o texto para si e “arredondá-lo” para promoção de uma contação bem sucedida. Depois, em um momento oportuno, ele deve retomar a obra, mostrando os detalhes da capa, uma pequena biografia do autor/autora, falando do ilustrador, mostrando, se possível, outras obras deles. E, então, talvez, lendo as passagens que tinham sido modificadas, explicando o porquê de contá-las assim.

Outro aspecto fundamental de uma contação de histórias é que os educadores escolham quais serão os recursos que irão empregar com antecedência. Para isso, precisam verificar o estado dos materiais que serão empregados, tais como fantoches, imagens, retro-projetores, lanternas etc. e se você dispõe de quantidade suficiente deles.

Os materiais precisam ser atraentes, não utilizem materiais descolados, incompletos ou artisticamente desinteressantes. É importante ser sensível para deixar que o clima da história contagie a todos, inclusive os educadores.

## TÉCNICAS E SUGESTÕES DE CONTAÇÃO

Por fim, vale lembrar que sempre que vamos contar uma história podemos lançar mão de técnicas e/ou recursos que nos ajudem a tornar o instante de ouvir a história algo mágico para as crianças.

Listo agora algumas dessas sugestões, apontando para o fato de que elas devem ser tomadas como pistas, que podem e devem ser ampliadas:

- **Teatro de fantoches:** a história é narrada através dos fantoches que podem ser personagens das histórias ou não. É importante apresentar fantoches feitos por pessoas que conheçam a técnica para que os mesmos apresentem bom acabamento e qualidade no manuseio.
- **Histórias sugeridas:** a professora, com o auxílio do flanelógrafo ou do avental (vale aqui também usar um blusão de lã onde as gravuras, com lixa ou velcro atrás, possam ser “grudadas”), inicia a narrativa com uma imagem e as crianças dão continuidade à história encadeando as demais figuras disponíveis.



- **Histórias contadas e desenhadas/modeladas:** a professora vai contando a história, fazendo pausas estratégicas em cenas importantes da narrativa, para que as crianças possam desenhar, individualmente ou em grupos, as sequências. É imprescindível que haja espaço e material suficientes para que as crianças possam desenvolver a atividade sem necessitar de deslocamentos (para pedir lápis, papel etc. emprestados...).
- **Histórias com discos ou instrumentos:** o professor vai contando e, com a turma, vai produzindo sons ritmados ou músicas para acompanhar a narrativa. É semelhante a uma peça radiofônica, onde os sons das ações e dos personagens são produzidos, reproduzidos ou inventados pelo grupo. Aqui, vale a criatividade para imprimir marcas singulares em cada personagem, tais como cacoetes, vícios de linguagem, entonação etc.
- **Histórias com o uso exclusivo de gravuras:** não há narrativa alguma desenvolvida pela professora; as imagens são expostas às crianças (com fotos ou no computador) que irão sozinhas encadeá-las para formar uma narrativa. Após a exposição, a professora pode pedir que as crianças recontem a história ou não.
- **Histórias rimadas:** a professora inicia a narrativa e cada criança vai acrescentando um verso, rimado, ao anterior. É semelhante ao repente nordestino ou à trova gaúcha.

Por fim, cabe destacar que, na Educação Infantil, a criança começa os primeiros contatos com os livros e a Literatura Infantil. Portanto, será de nossa responsabilidade e do nosso cuidado pedagógico que dependerá o êxito do percurso. Quanto mais pudermos perceber essa importância, mais teremos de nos comprometer em dar à Literatura Infantil, nessa etapa do ensino, o tratamento que ela merece.

Priorizando a ludicidade, a partilha, a escuta atenta dos interesses e curiosidades das crianças, poderemos promover uma formação de leitores qualificada, comprometida e, sem dúvida, inesquecível.

## PARA SABER MAIS

### BIBLIOGRAFIA.....



BUSATTO, CLÉO. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

DOHME, VÂNIA. **Técnicas de contar histórias.** Petrópolis: Vozes, 2010.

KAERCHER, Gládis E. P. da Silva. Brincando com os livros na escolarização inicial. IN: DALLA ZEN, Maria Isabel H.; XAVIER, Maria Luisa M. (org.) **Alfabetrar:** fundamentos e práticas. Porto Alegre: Mediação, 2010.